

FACULDADES CONECTADAS E A CASA TOMBADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU O LIVRO PARA A INFÂNCIA – PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

OS LIVROS QUE CHEGARAM: cartas sobre a transmissão da literatura

CAROLINA FEDATTO

Texto de conclusão de curso apresentado à
Especialização O livro para a infância – processos
contemporâneos de criação, circulação e
mediação.

Coordenação: Cristiane Rogerio e Camila Feltre

Belo Horizonte – MG
2022

OS LIVROS QUE CHEGARAM: cartas sobre a transmissão da literatura

RESUMO: Como o livro, a leitura, a literatura são transmitidos? Talvez essa seja uma pergunta de professora, de mãe e de leitora ao mesmo tempo. Em busca de alguma resposta, resolvi escrever cartas. Cartas que nunca chegarão sobre os livros que chegaram. São cartas que contam de encontros com livros. São cartas-lembrança, cartas-pedaços-de-si, cartas-fragmentos do que li e do que me leu. Antes e depois, um pouco das leituras e reflexões que sustentam essa escrita.

PALAVRAS-CHAVE: escrita de si; leitura e infância; os livros e a vida; ler com crianças; a infusão da leitura; duração.

AGRADEÇO

A Cris e Camila pela coordenação do curso, pela escolha cuidadosa dos nossos professores. Obrigada por lerem para nós. À Mari Amargós pela presença delicada.

A Josiane Lima e Natália Tazinazzo pelos olhos brilhando e pelas cartas que vamos trocar.

Ao minibando que me leu, me ouviu e me deu palavras bonitas ao longo desses 18 meses.

Aos professores que nos acompanharam e proporcionaram tantas conversas importantes: Giuliano Tierno, Bel Lopes, Odilon Moraes, Carolina Moreyra, Luiza Christov, Marco Haurélio, Edith Derdyk, Aline Abreu, Raquel Matsushita, Giselda Perê, Bel Mayer, Heloisa Pires Lima, Ângela Castelo Branco, Simone Paulino, Stela Maris Battaglia, Julie Dorrico.

Por encontrar um Bando para voar e uma Casa para voltar.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
O dia em que conheci vocês	28
A promessa	34
O primeiro livro	38
E se rasgar?	43
<i>Nem todas as respostas cabem num adulto</i>	48
O livro que você leu para mim	51
Os livros dos adeuses	54
Dois irmãos	58
Livros são livres	61
<i>Quando o espaço é amplo e eu o ocupo por inteiro</i>	65
POSFÁCIO	70
OS LIVROS QUE ESTÃO AQUI	78

A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui.

Antoine Compagnon

PREFÁCIO

Talvez a minha questão com a leitura tenha a ver com o mistério que ela traz. Como essas formiguinhas soam sempre da mesma forma na boca dos adultos? – se perguntam as crianças. Como nelas pode caber quase tudo? Como dizem tanto e deixam tanto a dizer? – pergunto eu, adulta, com vestígios de criança. Antes de saber ler, eu achava que nos livros havia algo que eu não sabia ainda, mas que viria a saber. Eu desvendaria o enigma das letras. Um dia desvendei – mesmo achando difícil e ficando muito cansada. Eu lia as palavras, mas não entendia o que diziam. Li muito tempo só por ler, apenas pelo prazer de passar os olhos nas letras e saber quem elas eram.

Acho que até hoje só encontrei segredos na leitura. E senti por muito tempo que o que a gente pensa quando lê é só nosso. Só depois, com muito exercício, percebi que é um só *um pouco* nosso, porque a gente vai aprendendo a falar sobre o que se passa com a gente ao

topar com algo bonito escrito, a gente vai ouvindo dos outros que eles também se espantam, mas por razões diferentes. Como quando ouvi minha primeira professora lendo A bailarina da Cecília Meireles. Ela alternava o olhar entre a página e nossos rostos: *Esta menina/ tão pequenina/ quer ser bailarina. / Não conhece nem dó nem ré/ mas sabe ficar na ponta do pé. / Não conhece nem mi nem fá/ mas inclina o corpo para cá e para lá. / Não conhece nem lá nem si,/ mas fecha os olhos e sorri.* E eu dançava com aquela música de sons que se reencontravam a cada pausa dela para nos olhar. E eu sorria até o final da leitura, com os olhos fechados e me imaginando bem rija e alongada como na ilustração de Odilon Moraes que agora vejo na nova edição da coletânea “Ou isto ou aquilo”.¹ Se isso não for poesia, não sei até hoje o que é.

A antropóloga francesa Michèle Petit, em seu livro “Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias

¹ Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Global, 2012, p. 17. [Esta edição é a que tenho em mãos hoje, enquanto escrevo. O poema lido pela professora Ruth estava impresso em uma apostila Positivo de 1989 da qual me lembro apenas dos grandes caracóis da espiral que unia as páginas.]

de hoje”, fala sobre esse *estranho estatuto das lembranças de leitura*. Por que a gente esquece muito do que lê? Por que se lembra de coisas que não estão escritas? Nas palavras dela, talvez porque “o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou àquele em que ouvimos alguém ler em voz alta. O devaneio e as lembranças de uma leitura fazem parte dela.”² Petit se lembra de uma citação do jornalista francês Jean-Paul Kauffmann, sequestrado por três anos no Líbano nos anos 1980, quando ele revela o que buscava com as lembranças de leitura em cativeiro. Não era uma interpretação do texto ou a restituição da narrativa. Ele queria reencontrar aquilo que dos grandes textos que havia lido ficou *impregnado* nele, o que restou daquela *infusão*. E isso que sobrou da literatura nele foi preponderante para humanizar aquele tempo tão duro.

É também o que diz Beatriz Robledo, professora de literatura e escritora colombiana, em texto apresentado em um encontro sobre formação de leitores em

² Michele Petit, *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Editora 34, 2019, p. 50.

Medelín, 2008. Falando sobre critérios de avaliação e seleção de livros para formação literária, Beatriz recupera, também *impregnada* pela lembrança de uma aula na faculdade, a importância da ideia de *duração*:

Não é o tempo da obra, nem o tempo que demora um leitor para lê-la. É algo que se produz no leitor e que está relacionado com o efeito estético. É dessa maneira que um livro, uma história, um poema, um conto, uma personagem, habita o íntimo do leitor. Há algo ali que dura, que permanece, algo sobre que não se percebe na hora de analisar textos literários, talvez pelo pouco mensurável, mas que tem muito sentido ao se considerar a literatura como uma série de experiências possíveis, como afirma Rosenblatt, e não como um corpo de conhecimentos. “A literatura proporciona um viver *através* e não simplesmente um conhecer *sobre*”³ (ROBLEDO, 2019, p. 38).

Literatura é isso: um encontro com o que as palavras não dizem, mas como soam, como são, o que fazem sentir, o que permitem ou impedem, agora e depois, num tempo que não se espera, de personagens que não somos nós. Recuperando a reflexão de Michèle Petit,

³ Louise Rosenblatt, La literatura como exploración. Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 65. Apud Beatriz Robledo, Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. Caderno Emília, nº 03, 2019.

também sinto que a leitura ajuda a “construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano, oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida; alimentar o pensamento, formar o ‘coração inteligente’, como diria Hannah Arendt”.⁴

Todas essas reflexões fazem parte do meu percurso na pós-graduação O livro para a infância. Ao escrevê-las entendo que pensar literatura, livro e leitura é também uma forma de exercitar narrativas de vida. Esse não foi um objetivo primeiro, mas algo que descobri pelo caminho. Fim do verão de 2020, estávamos no início da pandemia de Covid-19, desgovernados e sem perspectiva de vacina. O mundo externo estava caótico. Nos relacionávamos pela tela. Nossas casas se tornaram o mundo. Mas casas têm alicerces e porões, chaminés e janelas, paredes e rachaduras. “Casas abrigam, acomodam, acolhem. / Casas espiam, escondem, ocultam.”, diz Carol Fernandes em “Se eu fosse uma

⁴ Idem, p. 23.

casa”, livro ilustrado lançado por financiamento coletivo em meio à pandemia.⁵

Estar em casa nesse contexto me obrigou a um mergulho interno. E a leitura e a literatura me lembraram que nosso mundo interior é imenso e inexplorado – como diz o escritor israelense Amós Óz, quando se lembra de gostar da solidão nos períodos de castigo trancado no banheiro:

Alguns frascos de perfume, dois sabonetes, três escovas de dentes e um tubo de pasta de dentes usado pela metade, e mais uma escova de cabelo, cinco grampos de mamãe e uma bolsinha com o aparelho de barba do papai, e também o banquinho, o vidro de aspirina, o esparadrapo e o rolo de papel higiênico, isso tudo me daria folgadoamente um dia de batalhas, jornadas, construções de monumentos imensos e aventuras radicais em que eu era alternadamente sua alteza e o escravo de sua alteza, caça e caçador, desbravador de florestas e vidente do futuro, juiz, marinheiro, engenheiro-chefe dos construtores do canal do Panamá e de sua ligação com o canal de Suez por vias escavadas nas altas montanhas, podendo assim ligar a eles todos os mares e lagos do banheiro e lançar, desde o fim do mundo, navios mercantes, submarinos, navios de guerra, navios piratas, caça-minas,

⁵ Carol Fernandes, Se eu fosse uma casa. Belo Horizonte: Tuya, 2020.

baleeiras e também caravelas de descobridores de continentes e ilhas remotas nunca dantes palmilhados pelo homem. (ÓZ, 2005, p. 301).

Do que é que a gente precisa para estar só, para estar consigo? São questões colocadas pela imposição do isolamento social e que, para mim, reverberaram na quietude aberta ao mundo que é leitura. A relação com os livros, ou melhor, a relação entre as pessoas mediada pelos livros, foi um ponto de apoio para muita gente. E o estudo de experiências com leitura e literatura na primeira infância foi um caminho em que encontrei perguntas simples e essenciais, tal qual o emblemático “como começa a história do leitor?”, de Yolanda Reyes.⁶

Essa pergunta equivale a uma busca pelos modos de construção de nosso mundo interno. Quando e como

⁶ Yolanda Reyes, *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. Global, 2010, p. 13. Essa pergunta me inspirou a oferecer um grupo de conversa e estudo sobre leitura com bebês e crianças bem pequenas para famílias e educadores. Foram duas edições em junho e julho de 2020. Algumas reflexões sobre a condução desses grupos foram apresentadas no 1º Congresso Internacional de Literatura para Crianças e Jovens: Crítica, Estética e Ensino, da PUC-SP em setembro de 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=IOQSWbAfanI&list=PLuGalMr5rEy_gJmPZR0GBwq59Uth60dWZE&index=7

isso começa? Certamente na infância. Podemos encontrar bons argumentos vindos de diversas ciências, passando da psicologia à pedagogia e à neurociência. Mas podemos passar também pelo *viver através* que é a literatura, não simplesmente pelo *saber sobre*, como resume a professora norte-americana de literatura Louise Roseblatt. Encontrando eco nessas pesquisas, o acontecimento da leitura e da literatura na infância se mostrou um campo apaixonante, de perguntas simples sem respostas fáceis.

Na verdade, gosto quando algumas delas vêm da observação dos leitores. Sobretudo dos leitores em começo de carreira, como diz a escritora e ilustradora Patricia Auerbach no “Direitos do pequeno leitor”.⁷ Michèle Petit constata que nas salas de leitura com crianças pequenas, basta que os movimentos das crianças não sejam controlados para que o espaço se torne um “canteiro de obras”. Quem nunca observou os pequenos usarem livros como tijolos, paredes e pontes? “Mas os bebês, que tanto amam empilhar cubos ou

⁷ Patricia Auerbach e Odilon Moares. Direitos do pequeno leitor. Companhia das Letrinhas, 2017.

livros, também constroem em sua mente, eles pensam.” E quando lemos em voz alta para eles, é sua *vida interior* que eles elaboram, construindo ao mesmo tempo um *mundo habitável* e seu *mundo interior*.⁸

Assim Yolanda Reyes, autora e pesquisadora colombiana que fundou em 1988 o projeto Espantapájaros,⁹ define a leitura no início da vida como a construção dos alicerces de uma moradia simbólica que se dá pela entrada do bebê na linguagem. Evélio Cabrejo-Parra,¹⁰ psicolinguista colombiano radicado na França, entende, nesse sentido, que a língua nos captura não apenas pelo pragmatismo dos nomes e descrições objetivas, cotidianas, mas também pela beleza estética, pela melodia, pelo inesperado, pela

⁸ Michèle Petit. *Ler o mundo*, p. 26.

⁹ Espantapájaros é um projeto cultural de leitura para a primeira infância. Segundo a pesquisadora Juliana Daher (2017), o nome do projeto foi inspirado no personagem Espantalho, do Mágico de Óz, de L. Frank Baum (1900 [2017]). O Espantalho acreditava não possuir cérebro, mas ao longo do romance vai se relevando o homem mais sábio de Óz. Para saber mais, indico a pesquisa de Juliana Daher (2017), (primeira brasileira a estagiar em Espantapájaros).

¹⁰ Evélio Cabrejo-Parra e Yolanda Reyes. *A leitura na primeira infância*. Entrevista com mediação de Patrícia Lacerda. Seminário Conversas ao Pé da Página, Instituto Emília, 2011.

formação do imaginário que o modo humano de vivenciar o mundo possibilita comunicar na forma da linguagem literária, narrativa.

Esse trabalho que cada um está sempre fazendo de construção do sentido de si e do mundo pela linguagem é, quando se tem a possibilidade, potencializado pela literatura. Ele pode começar não importa quando. Quanto antes melhor. E nunca terá fim. É contínuo, perene, constante. Quantas vezes não descobrimos questões existenciais na forma como os grandes escritores narram? Lemos e pensamos: é exatamente isso, mas como eu nunca consegui dizer isso assim? Foi por causa desses encontros estupefantes com a literatura que eu quis vivenciar as possibilidades de construção subjetiva e simbólica como leitora e na escrita de literatura. O que o exercício da escrita literária poderia me dizer sobre o papel da literatura na criação de um mundo interno rico e plural? Acho que essa foi minha busca.

Ouvi um estalo na direção dessa busca quando li “As cartas que não chegaram” do escritor e jornalista

uruguaio Mauricio Rosencof. De origem judaica e muito engajado nas lutas sociais e políticas, ele participou do Movimento de Liberação Nacional Tupamaro durante a ditadura militar no Uruguai, tendo ficado refém do regime durante 12 anos, preso em solitária, quase incomunicável, no escuro e no frio, em péssimas condições sanitárias e recebendo pouquíssima comida. Foi vizinho de cela de José Mujica, que viria a ser presidente e senador do país na redemocratização.

Mas o que me pegou na narrativa das cartas que nunca chegaram? Justamente o fato de nunca terem chegado. Um menino de 4 anos, um jovem amadurecendo e um homem feito – narradores que são a mesma pessoa – escrevem cartas que nunca chegarão ao pai. O pai não as recebeu, mas a própria escrita dessas cartas, para além do destinatário que visam, é um modo de chegar. Aonde? Nunca se sabe de antemão.

O remetente das cartas que não chegaram ao pai é um sobrevivente da tortura e da ditadura. É alguém que narra a si mesmo o que viveu e o que não viveu ao lado do amigo e vizinho de origem italiana Fito, do incrédulo

e esperançoso pai Isaac e de Rosa, a mãe analfabeta e deprimida pela morte prematura do irmão mais velho Leibu.

Quem escreve essas cartas é alguém que saboreia o fígado que a mãe cozinha para o gato, que nota a separação entre as bacias para o macarrão e para o banho na casa do amigo, que quer saber de que cor é a Polônia, que nota o acúmulo de cinzas e cabelos e gritos, que descobre que tirar fotografia não dói nadinha, que alucina com um mate quente no chão frio do calabouço, sente o gosto do bolinho de peixe da mãe, vai para o fundo do poço ao mesmo tempo que o pai, que sonha com um lá fora imenso, alguém que conta seus naufrágios porque não se afogou.

As cartas que não chegaram é um livro que nos envolve em universos de ternura e dor, reconhecimento e medo, esperança e revolta. São três partes que aprofundam o mergulho em si do narrador:

I. “Dias de bairro e guerra” – Moishe, uma criança de 4 anos, é o personagem principal e narrador da vida num cortiço uruguaio com a mãe, o pai, o irmão Leibu e o

vizinho Fito. Em meio a fatos cotidianos, recebemos também notícias – lidas, inventadas, alucinadas, pressentidas, sabidas por um pai sempre à espera – da guerra e do holocausto vividos por parentes na Polônia.

II. “A carta” – O nome do narrador não aparece mais, mas temos pistas de que ele cresceu: raramente se dirige ao pai como “papai” – agora o tem como um parceiro, um companheiro “meu velho”, ele próprio se tornou pai, fala palavrões e se lembra de episódios íntimos em família que transpõe para a prisão onde vive. Sabemos disso também por pistas como a saudade, a distância dos pais e da filha, os ínfimos detalhes das lembranças que lhe assombram. Suas raízes precisam se fincar: ele se lembra dos judeus que fizeram parte de sua vida, dos rituais, das comidas, da imigração. O homem maduro recupera o léxico familiar, as palavras e expressões que ouvia só em casa, os acontecimentos peculiares e repetitivos que agora o mantém em pé. É uma declaração de amor ao pai e ao passado perdido.

III. “Dias sem tempo” – Um narrador de sonhos, memórias, imagens, desejos nos acompanha nessa

última parte do livro. Alguém que acerta contas consigo mesmo. Um filho que narra um único último encontro com o pai. Um filho que se une ao pai por palavras não-ditas.

É tudo isso que chega ao leitor das cartas que não chegaram. Essa escrita autobiográfica, também chamada de literatura de testemunho, é uma das respostas que a literatura oferece para o problema da relação entre os eventos vividos e a ficção. O crítico búlgaro Tzvetan Todorov entende que a literatura nasce de um conjunto heterogêneo de discursos vivos, por isso a definição do que é e para que serve a literatura é motivo de tanto debate e tantas perspectivas. Nos ensaios de *A literatura em perigo*, Todorov critica fortemente o ensino burocrático da literatura, que exige a classificação dos textos literários em escolas e movimentos construídos pelos críticos e afasta o leitor do que as obras falam, como falam, o que sentimos ao lê-las, como nos ajudam a ver o mundo e a transformá-lo. Ele diz que:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça

é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me fez descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2020, p. 23-24).

Por isso, para que a literatura seja mais do que uma ferramenta invisível, formal, que nega a existência de um mundo comum ou de um lugar para si nos textos literários, é preciso que haja espaço social para o leitor se inscrever na narrativa, identificando-se e afastando-se dela, discutindo, conversando, se implicando no que lê, em suas escolhas e destinos.

Sobre o papel do leitor, Amós Óz, no romance *De amor e trevas*, tem páginas saborosas e intrigantes sobre o que considera um bom e um mau leitor. Ele diz que o mau leitor quer saber se o que o autor conta aconteceu de verdade: se Nabokov gostava mesmo de conquistar adolescentes, se Dostoievski tinha tendência a assaltar e matar velhinhas, se Kafka escondia uma grande ficha corrida na polícia. Segundo ele: “quem procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e seu autor comete um erro: é muito melhor procurar [...] justamente no terreno que fica entre o *texto* e seu *leitor*.”¹¹ É isso que faz o bom leitor: ele procura em si os vestígios do que choca ou comove ou incitam os personagens e acontecimentos narrados na literatura. Marcel Proust também dizia que sempre sentiu que seus textos funcionavam como *lentes de aumento* do leitor.¹²

E eu me vi enorme nas cartas de Rosencof que não encontraram seu destinatário. Por elas, eu questionei o destino do nosso ensino da língua, dos livros, da literatura. Questionei o que a gente transmite quando

¹¹ Amós Óz. *De amor e trevas*. Companhia das Letras, 2005, p. 43.

¹² Marcel Proust. *O tempo redescoberto*. Globo, 1981, p. 240.

apresenta um livro ou lê com bebês e crianças antes de aprenderem as letras.

Amós Óz narra sua profunda conexão com os livros e com a escrita. Ele relembra seu ritual de passagem para a vida adulta: quando o pai esvaziou um pedaço de sua estante para que Amós pudesse guardar seus livros, ele pensou “o indivíduo cujos livros ficam de pé já é um homem, não mais uma criança”.¹³ Impossível esquecer a passagem em que ele conta quando a mãe lhe narrava sua cidade natal, abandonada por causa das perseguições aos judeus: “cancelei inúmeras vezes minha viagem para lá para que as imagens descritas por minha mãe não fossem trocadas por outras”.¹⁴ Há, portanto, uma singularidade narrativa que faz com que a realidade não concorra com as histórias. O que se passa na narrativa é algo próprio.

O editor mexicano Daniel Goldin, por sua vez, recorre às metáforas da promessa, da porta e do cofre para contar sobre sua experiência com os livros. Assim como

¹³ Idem, p. 32.

¹⁴ Idem, p. 181.

Amós Óz, o pai de Goldin foi bibliotecário e viveu rodeado de livros. Ele folheava enciclopédias antes de saber ler, comparava o peso e a grossura de diferentes edições e ainda hoje se ressentido do ciúme que sentia do pai ao constatar que os livros lhe roubavam a atenção. Ele termina seu delicioso ensaio *Os dias e os livros* expondo o que aprendeu, afinal, com eles:

De fato, poucas vezes as promessas foram cumpridas, as portas foram transpostas ou o cofre me permitiu chegar ao verdadeiro tesouro. E ainda assim, quando o consegui, a completude foi efêmera. A dimensão que os livros iluminam é a da incompletude e da promessa de acalmá-la. A armadilha que nos colocam é que só se pode chegar com sua própria matéria, a linguagem. Por que continuo tão ligado aos livros se sei que são uma armadilha? Talvez porque com e por eles entendi algo inerente à nossa condição: que nossa única morada é fugaz e esquiva. Que movermo-nos é a forma que temos de criar raízes. Não pertencer a ninguém, não ter sentido e não conseguir deixar de produzi-lo. (GOLDIN, 2012, p. 36-37).¹⁵

Já a escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti encara sua relação com a leitura como uma dívida: ela deve a

¹⁵ Daniel Goldin. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. Pulo do Gato, 2012.

vida aos livros.¹⁶ E nos conta isso por meio de uma imagem: a da escultura. Diz-se que Michelangelo foi perguntado como esculpir um cavalo. Respondeu que era muito simples: bastava pegar um pedaço de mármore e ir retirando dele tudo o que não fosse um cavalo.¹⁷ Assim faz Marina com a leitura: retira a voz suave de sua mãe ao ler para ela antes de dormir, golpeia as aventuras que viveu com piratas e exploradores, esquece as ilhas a que chegou e os amigos que nelas fez. Tirados um a um os livros que leu, o que sobraria da Marina Colasanti que conhecemos? Quase nada, diz ela. E talvez aconteça o mesmo com todos nós. Foi daí também que partiu Antonio Candido em sua célebre defesa do direito à literatura como um direito humano.¹⁸ A capacidade de fabular é inerente ao ser humano. Não há humanidade sem narrativa, sem música, sem dança, sem encenação, sem pintura,

¹⁶ Marina Colasanti. Como se fizesse um cavalo. Pulo do Gato, 2012.

¹⁷ Essa afirmação é atribuída ao artista italiano Michelangelo e circula como uma anedota, um dizer passado de pena em pena que acende uma discussão acalorada sobre o papel dos artistas, dos escritores e também dos psicanalistas. Será que a subjetividade se forma *per via de porre*, como na pintura, ou *per via di levare*, como na escultura?

¹⁸ Antonio Candido. O direito à literatura. In: Vários escritos. Ouro sobre azul, 2011.

desenho, gravura. À fabulação devemos nossa humanidade, nos ensina o grande crítico literário. E temos o direito de seguir nos aprofundando no contato com vidas, tempos e espaços diferentes dos nossos.

Esses exemplos poéticos do papel da leitura e da literatura na vida humana ecoam em todos nós. Todos teremos episódios emocionantes e inesquecíveis para contar dos universos que a palavra e a imaginação abriram para nós. Palavra falada, palavra escrita, palavra desenhada. São muitas as suas formas e os livros seu principal veículo. Esses relatos ouvidos, lidos e por dizer me levam a pensar que assim como as cartas de Rosencof ao pai, os livros nos fazem chegar a nós mesmos – e por aí nos levam ao outro e ao mundo. Na verdade, a ordem pouco importa. Mas não podemos negar a tríade leitor-outro-mundo que o livro e a literatura instauram, mantêm, provocam.

E quando se trata de transmissão de leitura, acredito que navegamos em águas *estranhas* e ao *acaso*. Ler literatura é se deparar justamente com o inesperado. Graciela Montes, escritora argentina especializada em

literatura infantil, enfatiza em muitos dos seus ensaios a importância do enigma, do invisível, das sombras, do desconhecido, dos impasses e da rebeldia na relação com a leitura.

O que faz a gente começar a ler e continuar lendo ao longo da vida é a necessidade de seguir remando em busca de sentidos. É porque não sabemos, porque há enigmas, porque há sempre o que inventar que os livros e as histórias podem nos fazer companhia. É preciso que haja *perplexidade* e que sejamos *desobedientes*, diz ela.

Basta que o barqueiro consiga alguém para subir em seu barco. Que ele reme logo, como faz sempre. Ao chegar à margem, ele deverá pular no chão e deixar o outro com os remos na mão. É o que pretendo fazer aqui neste exato momento, pular do barco e deixar que vocês continuem remando (MONTES, 2020, p. 98).¹⁹

Pular do barco quando se chega à outra margem significa que alguém chegou ao seu destino. Quem remou, talvez sim. Quem subiu depois, pode ser que precise continuar remando. As cartas a seguir também

¹⁹ Graciela Montes. *Buscar indícios, construir sentidos*. Selo Emília/Solisluna, 2020.

nunca chegaram, mas os livros pelos quais essas histórias puderam ser contadas, sim. Eles chegaram, estão aí, ainda, prontos para serem lidos. Foi pelos livros que decidi escrever: livros que chegaram e que ajudam a viver.

CARTA
Da
vida
não se espera
resposta.

Orides Fontela²⁰

²⁰ Citação-presente do amigo Aurélio Macedo.

O dia em que conheci vocês²¹

Não sei bem, mãe. O quintal de cimento rugoso com terra e mexeriqueiras no fundo é pedaço de mim. Vira e mexe sinto meu rosto próximo do chão úmido-quente observando os veios do concreto e a trilha dos formigões. Sinto esse cheiro meio acre meio cítrico sempre que penso nesse quintal. Eu era bem pequena, você fechava a casa ao entardecer para não entrar pern longo nos quartos. Eu te seguia tão de perto na escuridão que se formava e me escorava nos batentes das portas enquanto as venezianas zuniam. E a gente seguia o cortejo evita-picada-e-zumbido por todos os cômodos.

Acho que te conheci naquela foto, você gravidona do Vini, eu sentada no chão entre suas pernas. Ou foi quando você me pôs no colo pela primeira vez na frente da edícula onde moramos por alguns meses logo que nasci? Batia muito sol, não sei, eu fechei os olhos. Papai bateu a foto, tenho certeza.

²¹ “Não posso precisar com exatidão em que dia conheci meus pais e se pude – ao menos – dar-me conta, naquele momento, do significado que tal acontecimento haveria de ter na minha vida.” (Maurício Rosencof, *As cartas que não chegaram*, p. 09).

Eu ficava muito no quarto com você, ia para sua cama quando papai saía para o trabalho. E você me contava histórias, umas até horripilantes, de criança abandonada, lata de lixo. Eu morria de medo, mas sabia que você nunca seria capaz daquilo, já que estava me contando também morrendo de medo.

Você brincava muito fingindo me procurar, fazendo formiguinha com os dedos e trocando os nomes das partes do corpo para eu gargalhar. Até cantiga acho que lembro na sua voz. Numa daquelas madrugadas intermináveis com a Maria-bebê até te escutei num verso que eu saltava quando cantava exausta para ela: *aproveite, minha gente, que uma noite não é nada/ se não dormir agora...*

Conheci papai na frente de casa, na garagem ou no portão, perto da coroa-de-cristo que você mandou arrancar quando aprendi a andar com receio de eu lamber o leitinho venenoso. Eu não ia lamber, só queria sentir a colinha entre os dedos. A grade do portão era cinza-chumbo e tinha um cheiro forte de ferro. Sei porque passei muito o nariz e as mãos naquele portão esperando o papai chegar, a Lala

entrar, a Gal dar oi. Papai aparecia com presentes: urso gigante de pelúcia, cobra de pano, quindim, quebra-queixo, massa de pizza.

Eu não conseguia falar *pitza*, falava *pista*. Vocês deitados no sofá, eu no chão bem perto tentando destrocá-lo s e o t. Vocês rindo e eu sabendo que falava errado, mas incapaz de falar rapidinho o t depois o s. Pista de cebola. Hahahaha! Primeiro fracasso da minha vida e vocês achando bonitinho.

Papai estava sempre fora de casa ou no quintal, você sempre na sala corrigindo prova ou na cozinha. Não gostavam que criança escutasse conversa de adulto, mas eu adorava brincar com aquele zum-zum-zum animado de fofocas que não me interessavam. Eu não prestava atenção no assunto, só queria a companhia da melodia, dos turnos de fala, dos silêncios. Você lendo revista, papai folheando o jornal, Vini e eu apertando os botões do som.

Eu subia escondido na cadeira e mexia na bíblia aberta sobre a mesa. Era uma edição comemorativa da vinda de João Paulo II. Capa preta de couro, corte dourado das páginas,

folhas brilhantes e muitas reproduções de obras de arte. Foi minha primeira galeria, meu primeiro museu. Tinha também um dicionário em vários tomos e uma enciclopédia Mirador, o TCC do papai e seus livros didáticos de matemática. Não me lembro de nenhum livro de literatura na estante.

Vocês nunca leram para mim, acho que achavam que ler era tarefa de cada um. Quando fui fazendo 7 anos, ganhei *Minha Primeira Enciclopédia*²² e a coleção *Uma história por dia*²³ com histórias e piadas preconceituosas da Disney. Tudo para eu ler sozinha. Acho que você comprou de algum vendedor que passou na escola ou na porta de casa. Quis fazer surpresa e escrevia dedicatórias a conta-gotas antes da gente acordar. Mas eu te surpreendi na sala de jantar e fiquei espiando de longe. A luz acesa, você debruçada sobre os livros escrevendo pra mim. Da enciclopédia, eu adorava Os mares e oceanos e A vida nos castelos. Detestava As plantas, as flores e as árvores – aqueles ares do campo que irritavam. Você queria que eu lesse uma história por dia.

²² Minha primeira enciclopédia, 14 volumes. São Paulo: Maltese, 1990.

²³ Walt Disney. Uma história por dia: primavera, verão, outono, inverno. São Paulo: Abril Jovem, 1990.

Deve ter ouvido de alguém que era importante criar o “hábito” da leitura. Mas eu nunca consegui seguir a sequência dos dias e estações do ano. Eu ficava curiosa pra saber o que será que estava acontecendo em outra época. Lembro que tinha umas vinhetas com piadas no canto das páginas. Cada infâmia. Mas eu lia. Me sentia mal, mas lia. E talvez aquela troça toda me fosse familiar. Era um tempo em que zombar dos outros dava pé. Ainda bem que nunca li como quem escova dentes, sem questionar.

Papai sempre levava um gibi para mim quando você me punha de castigo no quarto. Você ficava brava com ele, porque queria que eu pensasse no que fiz de errado, não que me distraísse com leitura! E eu não me distraía. Estava tão revoltada com a privação de liberdade que não conseguia me concentrar. Ficava olhando pro teto e fantasiando como eu fugiria de tanto autoritarismo. Nunca fomos de conversar muito, argumentando. Só de conversar fiado. Eu queria mesmo é que você me explicasse por que eu não podia ter pegado uma nota de dinheiro da sua gaveta pra comprar bala na saída da escola sendo que você mesma me mostrou

onde estava o dinheiro que era pra gente usar quando precisasse. Começou aí nosso desencontro.

Você dizia que não entendia de literatura e que não gostava de escrever. Papai também só lia jornal, revista e livro informativo. Eu achava que precisava fazer o que vocês não faziam. Aí comecei a ler tudo o que aparecia, mesmo sem entender nada. Queria histórias, histórias, histórias. Passeava pela biblioteca da escola, espiava a capa do romance que a filha da vizinha lia na rede, descobri que podia pegar livro emprestado na biblioteca pública. Lembra que eu pedia para o papai comprar os três livros que a professora indicava? Era para ler só um, mas como eu ia escolher qual ler sem ler? Ou isto ou aquilo, Lúcia já vou indo, O escaravelho do diabo, Raul da ferrugem azul, O menino do dedo verde, Encontro marcado, Morangos mofados, Capitães da areia. Folhee até A divina comédia e não entendi nada, só descobri o que era purgatório. Sempre me dei por satisfeita só de ler, não achava que era para entender tudo. Tanta coisa nunca entendi.

A promessa

Você só deve lembrar de ouvir falar, Vini, daquela sua bronquite que a mãe tentava curar até com ovo de pata. Ela fazia de tudo, te levava para benzer, dava injeção, fortificante, xarope de agrião. Aí a gente começou umas consultas com o doutor, doutor, não lembro o nome dele. Ele era velho, barbudo, de óculos. Até já morreu. Tinha uma biblioteca imensa no consultório e te receitava aquelas bolinhas de açúcar. Mamãe escondia no alto do armário, mas eu conseguia subir para pegar e você também me dava uma da sua boca. Eu ia a todas as consultas, não queria ficar de fora do tratamento. Enquanto o médico te examinava, eu olhava aquele paredão de livros capa dura vermelha, muito dourado, tudo com cara de velho. Eu ficava bem quieta, o problema era com você, eu só não tinha com quem ficar. Um dia, talvez naquele em que você se curou e todo mundo ficou mais descontraído, o doutor olhou nos meus olhos, se abaixou mesmo e disse: Um dia você vai ler tudo isso!

Achei que fosse promessa. Eu ia conseguir decifrar aquelas formiguinhas? Nem sei como isso aconteceu. Sei que a tia Ruth falou que o *h* do nome dela era complicado de entender. Complicado mesmo era ditado de maiúscula e minúscula. Adulto fica escolhendo aquilo que é difícil para criança entender e não entende que no começo o formato das letras precisa ser sempre igualzinho para a gente reconhecer. Imagina conhecer um monte de letras diferentes que são também sons, têm ordem e ainda se fantasiam de grande ou pequeno? Fiquei perdidinha. E se a gente tem que escrever as letras que fala, por que tem letra que a gente escreve, mas não fala ou escreve com uma que tem som de outra? Não entendo.

Mas com o tempo a gente se acostuma, Vini. Aquele dia na viagem foi o máximo. *Guerra é paz na estrada*. Você leu tudinho! E olha que o *gue* é meio misterioso. Só que é sempre do mesmo jeito: *gue* é *gue*, não *je* nem *ge*. Por isso não pode ficar mudando demais a escrita das palavras, senão quem está aprendendo nunca aprende. Mamãe fala

que teve reforma e ela não sabe mais se *fôrma* tem acento, se farmácia é com ph, se é *restrito* ou *restricto*.

E papai, que só sabe escrever em letra bastão?! A letra de mão dele é um garrancho. Mas eu acho legal quem escreve para ninguém mais entender. Se for para todo mundo ler, faz livro, com aquelas letras de máquina sempre iguais. Texto escrito à mão a gente tem que conhecer bem a letra da pessoa para ler. Tem que ter intimidade. Eu já sei que o *r* do papai é uma cobrinha e que ele não corta o *t* e o *a* maiúsculo é só maior do que o minúsculo, o *c* também. A mamãe não, tem letra redondinha, de professora, só que pequena. Eu tenho letra grande redonda e você aperta demais o lápis no papel, fica marcado quando apaga. Mas não tem problema, só implicam com você por isso.

Aprender as letras é fácil. Querendo, até garrancho a gente adivinha. Difícil é descobrir o que a gente quer ler. Você fala que é perda de tempo. Nem filme você assiste. Por que será que você, papai e mamãe têm tanto medo de fantasia? Eu gosto de encontrar com coisa que nunca imaginei. E não tem jeito de fazer isso só olhando para o que a gente já conhece

ou para o que existe. Onde será que está o que a gente não vê ou não sabe ou tem medo?

O primeiro livro

Você quer saber qual foi o seu primeiro livro, Maria? Não sei. Será que consigo saber qual foi o meu primeiro livro? O primeiro que li acho que foi aquela bíblia. Ou a cartilha da escola. Não sei. Mas isso é livro? A cartilha era minha; a bíblia, não. Depois, teve a enciclopédia e as histórias da Disney. Até gostava, mas foi presente da vovó. Li muitos para a escola também, que a professora escolhia. Mas qual será que foi o primeiro livro que eu escolhi? Vovô gostava de música, eu gostava do vovô. Chico Buarque, Vinicius de Moraes escreveram livros, que eu tive, que eu comprei. Mas será que fui eu quem escolhi? Minhas amigas faziam teatro. Li Shakespeare, Guarnieri, Brecht. A gente até fez adaptação e montagem da *Megera domada* e *Eles não usam black-tie*. Mas o texto era um xerox, não era livro.

Na verdade, acho que não sabia escolher livro. Era sempre alguém que escolhia para mim. Na biblioteca, tinha um gaveteiro com as fichas catalográficas em ordem alfabética por assunto. Eu abria as gavetas ao léu e ia dedilhando. Eu

não podia ver o livro antes. Pedia para a bibliotecária e ficava folheando para escolher. Na faculdade, a gente tinha acesso às estantes, podia andar à vontade, bisbilhotar, mexer. Muito livro repetido e bem velho. Eu achava interessante saber quem morava ao lado de quem. Nas livrarias, encontrava sempre só os clássicos ou da moda ou recém-lançados ou bobos ou caros ou grandes demais.

Sempre escolhem por mim. Quando foi que eu comecei a escolher? Talvez quando escolhi para você. Não consigo me lembrar do primeiro. Mas você nem tinha nascido ainda. Já te contei isso. Quando descobri que você ia chegar, a primeira coisa que achei que precisava mudar na nossa casa não foi o quarto que ia te receber, foram as estantes. Tínhamos muitos livros. Juntando os meus com os do seu pai dava mais de mil. E eu já não entendia mais nada daquela organização inventada que um dia fez sentido. Achamos que seria bom ter ajuda de uma bibliotecária. Foi quando conhecemos a Sonia, tia de uma amiga nossa que tocava tamborim no carnaval.

A Sonia passou meses e meses em casa cuidando dos livros. Enquanto minha barriga crescia, ela tirou todos do lugar, limpou um por um, registrou no computador, fez as etiquetas e organizou como se fosse uma biblioteca de verdade. Mas o mais legal é que ela tinha trabalhado numa escola de crianças e sabia muito de livros. Ela me contou o nome de vários autores para crianças: Ricardo Azevedo, Marilda Castanha, me falou da Cosac Naify, uma editora importante que estava fechando e vendendo seus livros maravilhosos bem baratinho. Comprei Jacques Prévert²⁴, o do bicho preguiça²⁵ que abre todo bem bonito e delicado e já está bem rasgado, o da Madame Miséria²⁶.

Mas eu não tinha muito tempo para conversar tanto com a Sônia, conversei menos do que queria, acho que eu achei que já sabia... e aí comprei livros para você pensando em quando eu era criança, nos autores que eu conhecia e não li,

²⁴ Jacques Prévert. Dia de folga. Ilustr. Wim Hofman. Trad. Carlito Azevedo. Cosac Naify, 2004.

²⁵ Anouck Boisrobert e Louis Rigaud. Na floresta do bicho-preguiça. Pop-up. Cosac Naify, 2011.

²⁶ Lise Mélinand. O carrinho da Madame Miséria: uma história cruel. Cosac Naify, 2013.

como se quisesse recuperar o prejuízo: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Clarice Lispector, Chico Buarque. Eles são ótimos, mas eu ainda estava longe de descobrir tantos livros maravilhosos que hoje conheço porque você me inquietou.

Aí você nasceu e quando eu tinha um sosseguinho nos cuidados infinitos, aproveitava para ler em voz alta algum livro que eu queria para mim. Dividi com você um livro que pudesse nos dizer respeito: Para educar crianças feministas, da Chimamanda²⁷, lemos inteirinho! Acho que foi nosso primeiro livro. Mas foi presente, não fui eu quem escolhi. E lemos também poesia: Vinicius de Moraes, Drummond, uns contos da Clarice, que eram curtos e dava tempo para gente fazer outras coisas também.

Você foi crescendo, foi para escola e ganhamos uma agenda cheia de indicações de livros. Comprei dois da Sonia Junqueira que você amava! O *Amora*,²⁸ que a gente chamava

²⁷ Chimamanda Ngozi Adichie. Para educar crianças feministas: um manifesto. Companhia das Letras, 2017.

²⁸ Sonia Junqueira e Flavio Fargas. *Amora*. Positivo, 2015.

de Isaura por causa da Isaura, e o *Adivinha onde estou*,²⁹ que ficou todo solto e perdeu as páginas de tanto a gente ler.

Aí eu vou parar de contar, porque depois disso você vai lembrar: nossa casa ficou ainda mais cheia de livros em estantes, sacolas e caixotes e uma organização que só a gente entende – às vezes nem a gente... mas é bom que tiramos todos os livros do lugar e encontramos uns que a gente não procurava, como na vida.

²⁹ Sonia Junqueira e Mariângela Haddad. *Adivinha onde estou?* Autêntica, 2013.

E se rasgar?

Tem umas coisas, mãe, que acho que você aprendeu comigo. Você nunca teve coragem de despedaçar um livro, nem de escrever neles com caneta ou desenhar. Só grifava a lápis bem levinho umas partes bonitas. E eu pego no livro com tanta vontade e tantas vezes que as páginas ficam amassadas e até rasgam. E quando rasgam, faz um barulhinho que eu adoro e quero ouvir de novo. Quando vejo você riscando bem de leve só as partes bonitas, quero fazer igual, só que bem colorido e forte como eu gosto. E eu não leio o livro só uma vez e pronto, como você. Quero toda hora, mil vezes! Também faço outras coisas com o livro, não fico só segurando e virando o olho devagar: sento em cima, faço pista de corrida, empilho para formar uma torre, construo casinha, visto como chapéu, abro como boca de jacaré, olho só uma página bonita, viro de trás para frente, carrego para lá e para cá e, como você, também sei passar as páginas pegando bem na pontinha e conto a história com a mesma música que saiu da sua boca quando lemos juntas.

Eu gosto muito quando você lê comigo, mãe. Você vai falando umas palavras diferentes, que ficam boas juntas. Conta umas histórias que eu não imaginava e eu vou lendo as ilustrações, pegando na página, encostando em você, esperando as surpresas. Gosto de descobrir coisas que você não vê, de rever coisas que a gente vê, de adivinhar o que vai acontecer. Gosto quando as palavras combinam umas com as outras, quando se acumulam e se repetem. E só de ouvir, guardo a ordem da história melhor que você. Mesmo com muito sono. *Dorme, menino, dorme. Aí vem seu pai pelos caminhos, com uma vaca, leite fresco e um lampiãozinho.*³⁰ Como tem coisas que ninguém vê nos livros, só eu?

Tenho tanta vontade de desenhar em alguns livros, de colorir os que estão em branco, de mudar umas partes da história. Lembra quando você me ensinou a costurar meu próprio livro? Foi com linha vermelha e agulha pontuda de verdade. Aí eu podia desenhar como quisesse. Tem uns

³⁰ Laura Herrera e July Macuada, *Dorme, menino, dorme*. Livros da Matriz, 2015.

também que me pedem para ajudar, fazer uma parte do caminho do Monstro Rosa³¹, desenhar a Leotolda³², abrir a porta para o crocodilo, sacudir, virar, desvirar.³³ Você detestava esses livros, falava que eram militantes ou bobos demais. Outros não tinham graça nenhuma pra mim, como a história do tio que nunca chega³⁴ ou do vovô que morre e deixa só o guarda-chuva de lembrança³⁵.

Quando você pega aqueles livros só com escrito, sem desenho nenhum, eu sempre acho que não vou gostar. Mas o jeito que eles contam a história da Polegarzinha³⁶, da Branca de Neve³⁷, da Cinderela³⁸ e do Pinóquio³⁹ é tão legal

³¹ Olga de Díos. Monstro Rosa. Trad. Thaisa Burani. Boitatá, 2016.

³² Olga de Díos. Leotolda. Trad. Monica Stael. Boitatá, 2020.

³³ Nicola O'Byrne. O que tem atrás da porta? Trad. Gilda de Aquino. Brinque-book, 2021.

³⁴ Sebastián Camargo. Meu tio chega amanhã. Trad. Dani Gutfreund. Livros da Matriz, 2021.

³⁵ Carolina Moreyra e Odilon Moraes. O guarda-chuva do vovô. DCL, 2013.

³⁶ Hans Christian Andersen. O patinho feio e outras histórias. Ed. 34, 2017.

³⁷ Jacob e Wilhelm Grimm. Branca de Neve. Adapt. Gil Veloso. Ilustr. Iban Barrenetxea Pulo do Gato, 2017.

³⁸ Irmãos Grimm, Ed. 34.

³⁹ Carlo Collodi. As aventuras de Pinóquio. Trad. Marina Colasanti. Ilustr. Odilon Moraes. Companhia das Letrinhas, 2002.

que compensa aquele monte de letrinha uma atrás da outra sem parar. E sabia que os desenhos aparecem na minha cabeça? Você vai contando e eu vou imaginando cada detalhe. Às vezes me distraio e quando vejo você já mudou de parte ou eu dormi sem chegar no fim. Mas eu tento aguentar firme porque não gosto de dormir sem saber como termina.

Eu sei que tem uns livros que você não gosta de ler comigo, diz que são bobos. É verdade que eu consigo adivinhar sozinha um pouco da história, mas eu queria tanto que você ficasse comigo lendo o das princesas cor-de-rosa de abre e fecha... Ah, e aqueles de sanfona? Já descobri que se é difícil de dobrar é porque é para o outro lado: não tem segredo. É muito legal quando tem história vai-e-vem: de um lado o menino, do outro o pato⁴⁰ ou os monstros, de um lado a ida, de outro a volta⁴¹. Esses são ótimos para fazer casinha. *Na*

⁴⁰ Isol Misenta. Ter um patinho é útil. Trad. Emilio Fraia. Sesi-SP, 2018.

⁴¹ Alexandre Rampazo. Se eu abrir essa porta agora. Sesi-SP, 2018.

*casa deles.*⁴² Dos livros que você leu para mim, mãe, gosto de todos. Até dos que rasgaram. E dos que você não leu.

⁴² Edith Chacon e Priscila Ballarin. *Na casa deles*. Independente, 2020.

*Nem todas as respostas cabem num adulto*⁴³

Não consegui ligar no seu aniversário, pai. Da última vez que te vi, fiquei tão mexida com sua emoção, sua expressão... Pela tela, fiquei tentando olhar bem no fundo dos seus olhos, para que algum fio nos unisse. Nem imagino como você possa estar se sentindo. Você que sempre foi sensível, mas camuflava bem... É a vida! Frase que curiosamente repito para a Maria... E a vida te prendeu aí nesse corpo que envelhece sem a gente estar perto. Queria cuidar um pouco de você, como você cuidou de mim. Não por você, acho que está bem cuidado. Queria cuidar de você por mim, para te sentir por perto de novo, retribuir, me despedir talvez, como Leo da Baleia,⁴⁴ como Syd do avô.⁴⁵

Tudo mudou lá em casa depois que você adoeceu. Às vezes eu tento, mas nunca mais conseguimos nos reunir com alegria. A gente cozinha pratos que você gostava, abre

⁴³ Arnaldo Antunes, *As coisas*. Iluminuras, 2001.

⁴⁴ Benji Davies. *Leo e a baleia*. Trad. Marília Garcia. Paz e Terra, 2014.

⁴⁵ Benji Davies. *A ilha do vovô*. Trad. Janette Tavano. Salamandra, 2017.

vinhos em sua homenagem, tenta restituir aquele clima, mas nada será como antes. Também voltamos a olhar seus charutos, sua coleção de cachimbos... Penso no que podemos fazer com eles, se fumo, se presenteio alguém... Miguel quer encontrar sua caneta tinteiro; eu, sua tesoura de charutos. Você faz falta, pai.

Vini também sente. E você gosta muito dele, não é?! Ele está usando sua jaqueta de couro. Não vou esquecer seu sorriso para ele. Espero que sabiamente sua consciência esteja esburacada e com poucos lampejos para que você não sofra o aprisionamento que imagino que sinta... Espero que você não sinta nossa falta como sentimos a sua, que não queira voltar para casa como queremos que volte, que não deseje o brinde que te ofereço, mesmo quando me esqueço, sempre que abro uma garrafa de vinho tinto encorpado. Te agradeço por ter desejado que eu fosse canhota e usasse óculos, que achasse bonito mulheres de cabelos curtos e fumando charutos, que se orgulhasse porque entrei na universidade pública, que dissesse que eu tinha para onde

voltar⁴⁶. Agora talvez seja você que não tenha... Tudo passa. Perece. Se esvai. Mas muito também fica.⁴⁷ Como traço, imagem, hábito. Nome. Quero herdar o que foi bom, pai. E poder sentir seu cabelo macio. Eu podia ter lido para você.

⁴⁶ “O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda, basta o tempo.” Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Companhia das Letras, 2016.

⁴⁷ Mas de tudo fica um pouco.

Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço

— vazio — de cigarros, ficou um pouco. (Drummond, Resíduo. A rosa do povo, 1945).

O livro que você leu para mim

Ando fraca, filha. Caio sem motivo, sinto tonturas. Tem algo estranho acontecendo comigo. Ainda bem que você chegou. Me ajuda a sentar? Como está a Maria? Depois que você foi embora, eu fiquei bem, dormi melhor, mas estou sem fome. Não quero comer nada. Eu sei que preciso, mas não vai. Senta aqui do meu lado. Já passamos muitos dias no hospital. Também queria ir embora, não vejo a hora de o médico aparecer. Você está aflita, longe de casa. Já já vamos sair daqui. Você sempre com um livro nas mãos. Qual é esse? Quero sim, lê para mim.

*De manhã, o general esteve muito tempo na adega do vinhedo. Fora até lá antes do amanhecer, junto com o vinhateiro, porque dois barris de seu vinho haviam começado a fermentar.*⁴⁸ Enquanto te escuto penso no seu pai, não tenho nem coragem nem forças para falar dele. Também ando preocupada com o Vini. Ele está tão magro, anda nervoso e cansado. E a Maria? Está resfriada de novo?

⁴⁸ Sándor Márai. As brasas. Companhia das Letras, 1999, p. 07.

Queria tanto que você colocasse uma tela naquela sua janela da sala. É perigoso, filha.

Por que seu pai não chega? Ah... é mesmo. Eu nem acredito. Não tenho dor não, filha. Só quero fazer xixi, mas tenho medo de andar sozinha. *E ali viveu em silêncio por setenta e cinco anos. Sempre sorria. Seu nome voejava pelos aposentos como se os moradores do castelo quisessem lançar alguma advertência.*⁴⁹ Estou com sede. Quero ir embora. Vamos sair daqui. Não quero mais não. Pode medir. Que bom. Estou escorregando da poltrona. Me ajuda? Água, por favor. Mais. Me sinto em brasas. Não consigo dormir, minha cabeça está inquieta. Penso em tanta coisa. Não consigo nem falar. Tudo bem. Estou bem. Minha cabeça que não para. Cadê o Vini? *Passaram quatro dias na cidade, quando foram embora, pela primeira vez na vida tiveram a impressão de que entre eles algo acontecera. Como se um dos dois tivesse contraído uma dívida com o outro.*⁵⁰

⁴⁹ Idem, p. 11.

⁵⁰ Idem, p. 40.

Também sinto muitas saudades, filha. Ele estava sofrendo. Mas ele tentava. Você precisava ver como ele se esforçava para fazer a fisioterapia. E respondia quando eu perguntava, me olhava daquele jeito dele. Falava *não*. E sorria só para o Miguel. Precisa ver como ele gostava do Miguel. Também, cuidou do neto desde bebê. O Vini vem todo dia, no fim da tarde. *Pois o coração humano também tem sua noite, cheia de emoções não menos selvagens que o instinto de caça que atormenta o coração do cervo macho ou do lobo. As paixões ligadas ao sonho, ao desejo, à vaidade, ao egoísmo, ao furor erótico do macho, ao ciúme, à vingança, aninham-se na noite do homem assim como o puma, o abutre e o chacal no deserto da noite oriental. E no coração do homem há instantes em que não é mais noite e ainda não é dia...*⁵¹ Tá bom, filha. Vou dormir.

⁵¹ Idem, p. 104.

Os livros dos adeuses

Quando o telefone tocou no meio-dia e ouvi só meu nome do outro lado da linha, entendi que você se foi, pai. A gente esperou por isso. Sabíamos. Mas quando acontece... Queria ter segurado sua mão. Agora só penso em como conseguir chegar para abraçar a mamãe e o Vini. Levei só uma mochila e quis a companhia de um livro para a longa viagem. Peguei Rodari. Algo desse humor sério italiano dele me lembra você e o vovô. Achei que estaria em boas mãos. Quase não li no caminho. Estava em choque. É inacreditável ter que deslocar seu corpo, cumprir burocracias, conversar com pessoas ou chamar carro de aplicativo sabendo que enfim esse dia tinha chegado. Me senti só. Mas tinha a mamãe e o Vini. E você, quem teria? O vovô?

Sabe que livro levei? Fábulas ao telefone,⁵² aquele em que o pai viaja e liga toda noite para contar uma história antes da filha dormir. Acho que eu queria ouvir sua última história, pai, aquela que você nunca contou. Aí fingi que Rodari

⁵² Gianni Rodari, *Fábulas ao telefone*. Ed. 34, 2018.

contava no seu lugar. Cada história bonita, pai. Eu podia ter contado algumas delas para você. Mas não contei. Podia ter contado a história de um velho com óculos de ouro que passou com sua bengala em frente ao portão de uma criança que brincava. Podia ter te contado a história da velha tia Ada, que de tão velha foi morar no asilo e esmigalhava biscoitos no peitoril da janela para os passarinhos. Eu devia ter te contado a história do semáforo azul. Quem sabe agora não me faltaria coragem e eu saberia voar. Quem sabe você ouviu enquanto eu as relia em voz alta.

Quando senti que era uma despedida, mãe, chegou Corda Bamba⁵³ aqui em casa. Eu estava de malas prontas. Já tinha separado o que levar. E a Maria – como a minha Maria –, personagem que perdeu mãe e pai, me ajudou a entender que talvez eu te perderia também. Os diálogos da Lygia são à prova de citação. Ficam tão sem sentido. Como a vida sem pai e mãe. Mas você queria ficar com o papai, não é? Assim, de cabeça, lembro da cena do nascimento da Maria. Que coisa linda: dizer sem dizer. No meu livro agora estão as

⁵³ Lygia Bojunga. Corda bamba, 2011 [1979].

pétalas secas da rosa que guardei para você. Mas meu preferido da Lygia é *O meu amigo pintor*. *Eu não sei se nasci desse jeito ou se fui ficando assim por causa d...* Eu sei que eu senti a grande dor do branco, eu sei que enterro é lugar de criança sim e que todos os por quês que eu me faço me ajudam a te ver por inteiro. Junto tudo aqui na minha cabeça, cada cor, cada pedaço de palavra, cada café da tarde, cada manhã, cada hálito seu que eu senti.

Junto uma fala do Alexandre de *A casa da madrinha* com Pascal Quignard e Alberto Caeiro: *No dia em que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim.*⁵⁴ *Tenho a memória do que não me lembro. Se há uma lembrança que me liga a minha mãe, como a mão ao braço, é essa cena. É a cena que a devolve inteiramente a mim. Ela sou eu muito mais do que a língua em minha boca. Ela é esse olhar perdido em que não tínhamos importância.*⁵⁵ *A espantosa realidade das coisas/ É a minha descoberta de*

⁵⁴ Lygia Bojunga, *A casa da madrinha*, 2018 [1978].

⁵⁵ Pascal Quignard, *O nome na ponta da língua*. Chão da Feira, 2020.

*todos os dias./ Cada coisa é o que é,/ E é difícil explicar a
alguém [...]/ quanto isso me basta.⁵⁶ E nunca basta.*

⁵⁶ Alberto Caeiro, Poemas inconjuntos. Companhia das Letras, 2005.

Dois irmãos

Eu tive dois alunos, irmãos, que éramos eu e você, Vini. Quando cheguei na escola, eles já estavam lá, um em cada canto do quintal, só que ele era o mais velho e ela a mais nova. Mas ela queria cuidar dele como eu de você e ele se afastava como você de mim. Que senso de cuidado-culpa-responsabilidade é esse que enfiam nos gestos das meninas, hein?! Quase quatro gerações depois e ele continua firme.

Me identifiquei de cara com eles e ainda nem sabia que tinham os olhinhos caídos porque a mãe estava doente. Doente não de doença do corpo que passa ou leva a pessoa de uma vez. Doente dessas coisas que pra gente foram sem explicação. Doente como a mãe dizia: *Tô ficando doente*. E chorava sem parar, não queria levantar da cama, ficava perdida, sem vontade de nada, esquisita. E a mãe deles também foi internada com eles ainda mais novinhos que a gente.

Nesse dia, eu não sabia, mas trazia livros para lermos juntos e só prestava atenção nos dois irmãos. Ele sempre perto de

mim, atento, displicente, carente. Ela carente também lá longe, fora da roda, de orelha em pé. Nesse dia teve Suzy Lee.⁵⁷ No dia em que a mãe foi internada. Onda. Vai-e-vem. O encontro de uma menina com a imensidão. Ela chega na praia com a mãe e a mãe a deixa a sós com o mar. São quatorze longas duplas da menina se havendo com o mar e só quatro na presença da mãe. Depois de chutes na água, respingos e mergulhos, depois que o mar lava seus cabelos e traz mil conchinhas, a menina olha para trás e revê a mãe. Nesse momento, a menina em que me vejo e está trepada na árvore parecendo alheia ao livro, grita lá do alto: *A mãe voltou!* A mãe, no cantinho da página, olhando ternamente a filha catar conchinhas, segurando uma sombrinha e dois pares de sapato. A mãe sempre esteve lá. E observou as aventuras da filha sem interferir.

A mãe também foi assim. Me deixou brincar com o azul. Entendeu que você precisava de vento na cara, correr mundo, correr perigo. Mesmo que eu não lembre que estou lembrando, lembro da mãe quando estou com meus alunos

⁵⁷ Suzy Lee. Onda. Companhia das Letras. 2017.

pequenos. Deixa ser. Depois que lemos Onda, eu tinha planejado explorar a trilogia completa: Sombra⁵⁸ e Espelho⁵⁹ também. Mas seria uma distração desnecessária depois daquele reencontro com a mãe – o essencial ainda estava por vir.

A sorte foi que levei grandes papéis macios e aquarela azul-ultramar. Estendemos uma lona no gramado e organizei potes de vidro com aquele azul bem diluído. Dá pra imaginar o que as crianças fizeram, né? Elas mergulharam no ultramar, se tingiram de mar, salpicaram azul até despedaçar o papel. O irmão que começou. Rasgou sua grande folha de azul inteira, picou em pedacinhos molhados, amassou e jogou de lado. Foi brincar de outra coisa. A irmã se aproximou das bolotas de azul do irmão e passou um longo tempo desamassando uma por uma. Aproveitou que ainda estavam molhadas e tinham aderência para sobrepor os pedaços de mar do irmão no meu-seu mar recém-pintado. Depois desse dia, cada um foi brincar do seu jeito.

⁵⁸ Suzy Lee. Sombra. Companhia das Letras, 2018.

⁵⁹ Suzy Lee. Espelho. Companhia das Letras, 2021.

Livros são livres⁶⁰

Como você é boba, mãe. É só no livro, não precisa se assustar. Ai, ai, não sei por que os adultos acham que enganam as crianças. Tudo bem, a gente pode brincar, imitar barulho de bicho ou sair correndo com os dedos. Isso aconteceu quando a gente estava lendo aquele livrão grande assim que é melhor de ler em cima da mesa baixinha da sala.⁶¹ Tem muita coisa para ver antes de mudar de página, mas eu encontro o ursinho mais rápido que você. Lembro até hoje quando eu perguntei se aquele bicho era um filhote de porco do mato e você respondeu explicando muito que sim, que ele ia crescer igual ao pai. Corta! Dedinho no desenho do porco do mato filhote e eu retrucando: *Esse não! Você gargalhou!*

Não sei quando foi que eu entendi que o que acontece nos livros e nos filmes fica nos livros e nos filmes. O filhote do

⁶⁰ “Livros são livres por dentro porque têm palavras, e às vezes música, e as vezes imagens.” Murray MacCain e John Alcorn. Livros!, sem paginação.

⁶¹ Benjamin Chaud. Uma canção de urso. WMF Martins Fontes, 2020.

desenho não cresce, o monstro do livro não morde, o fantasma não assombra. E poder brincar de fazer a boca do livro pegar minha mão e dar gritinho de susto nas dez vezes que o lobo aparece mesmo que longe⁶² foi um jeito de ir fazendo graça com a imaginação e treinar de ter medo sem perigo.

Também não sei quando descobri que as mães nos abandonam sim, graças a deus, que um dia a gente vai perder pessoas queridas, que crescer é um baita caminho solitário, que amor sem limite machuca, que a gente sente vontade de matar algumas pessoas e não pode. Mas eu me lembro de todas as histórias que você leu comigo que me fizeram sentir tudo isso como um ensaio antes da peça estreiar pra valer.

Foram noites e noites com aquele livro de capa verde e pouca ilustração que eu achava que não ia gostar e no fim prestava atenção em cada pedaço da estrada onde o Patinho

⁶² Alexandre Rampazo. Este é o lobo. Pequena Zahar, 2020.

Feio andava.⁶³ Mas os contos de Grimm⁶⁴ que você lia eram diferentes dos que minha professora contava e eu sempre ficava imaginando como seria passear na floresta sozinha ou o que eu ia fazer se tivesse uma madrasta ou um irmão chato ou se o papai fosse embora pra sempre. E pensar que um gorila parecendo real estava sempre ali olhando pra mim!⁶⁵ A não fazer tudo pelos outros – até o que eles nem querem – eu aprendi com A árvore generosa,⁶⁶ ficar parada esperando amigo voltar é coisa de árvore plantada no chão que não tem perna pra conhecer gente nova.

Aliás, mãe, ainda bem que nunca vi aquele monte de livro em casa como um escudo contra o mundo. Era o contrário. A campainha tocava, era o carteiro. A gente descia, eram livros. Você se sentava à sombra para abrir os pacotes, eu reclamava por ser livro de novo e brincava com as folhas

⁶³ Hans Christian Andersen. O patinho feio e outras histórias. Ed. 34, 2017.

⁶⁴ Jacob e Wilhelm Grimm. Contos maravilhosos infantis e domésticos. Editora 34, 2018.

⁶⁵ Os livros ilustrados de Anthony Browne tratam desses assuntos e trazem sempre a figura do gorila que, para o autor, representava o pai.

⁶⁶ Shel Silverstein. A árvore generosa. Companhia das Letrinhas, 2017.

caídas ou escalava o portão. E logo te pedia pra ler! Muitas vezes você disse *chega* quando já era o quarto ou quinto e passava das nove da noite. O que eu gostava mesmo era de ficar bem perto, no colo, ouvindo sua voz ou do papai. E a gente conversando e lendo e brincando. Eu sempre quis saber o que acontecia depois, não dormia nunca em história comprida e achava que os livros com finais abertos eram curtos demais porque acabavam de repente sem contar o mais importante.

Reconheço tudo isso, mãe. E juro que vou tentar terminar aquele livro em que não acontece nada, mas aquela tal de Emma⁶⁷ não sai da minha cabeça.

⁶⁷ Gustave Flaubert. *Madame Bovary*, 1856.

*Quando o espaço é amplo e eu o ocupo por inteiro*⁶⁸

E não é que esse dia chegou, mãe? Você sempre soube que eu ia morar longe, desde quando eu era pequena e te pedia só um abraço na porta antes de entrar sozinha-confiante na escola nova. Eu sempre gostei de ficar longe de você, de ter meus compartimentos secretos, meu tempo, meus erros. Não posso reclamar. Sei que você tentou. Hoje vejo que é difícil saber o limite entre cuidado e censura. Tem tanta porcaria nesse mundo, um excesso de coisas à toa que não deixam de fazer mal.

Mas o que é que eu vou levar pra minha casa? Você nunca cansou de me dar livro de presente, né?! Dava outras coisas sim, mas livro era no que você se esmerava. E me pedia para organizar todos os livros da casa, que afinal eram nossos e eu precisava cuidar também.⁶⁹ Passei tardes e tardes tirando

⁶⁸ Vivian Gornick. Afetos ferozes, Todavia, 2019, p. 105.

⁶⁹ Lembrança roubada de um relato de Leticia Liesenfeld em conversa da atriz e narradora de histórias com Cristiane Rogério sobre livro expandido para turma 7 da Pós-graduação O livro para a infância n'A Casa Tombada.

a poeira e pensando se arrumava por cor ou formato até papai exigir de mim alguma seriedade explicando que o melhor era separar por assunto e sobrenome de autor em ordem alfabética – assim todos nós encontraríamos. Literatura com literatura. Direito com direito. Linguística com linguística. Livro ilustrado com livro ilustrado. Filosofia com filosofia. Psicologia com psicologia. Biografia com biografia. História com história. Mas não foi tão fácil assim e no meio do caminho resolvi subverter as coisas, pelo menos no campo que me dizia respeito. Os livros ilustrados, dividi em nacionais e estrangeiros. Fiz um nicho com os especiais, um com os que acabaram de chegar e outro com os que você gosta e eu não. Separei um pouco por tamanho também porque fica melhor de encontrar. Já pensou aqueles pequenininhos no meio dos gigantes? Ah, e deixei no quarto os bons para ler antes de dormir, que não agitam a gente – você falava assim quando eu era pequena.

E agora, o que é que eu levo? Não tenho coragem nem de tirá-los daqui nem de ficar sem eles, o que quer dizer que eu vou voltar mais, mãe. Mas pode continuar me mandando

pacotes retangulares embrulhados em papel craft carimbado e com fita de algodão e sempre-vivas, eu adoro! Também vou continuar mandando fotos das vitrines das livrarias por onde eu passar e guardando espaço na mala para suas encomendas.

Ai mãe, eu nunca vou chegar perto de um livro sem lembrar de você. Seja pra dizer *que porcaria é essa* ou para imaginar sua voz sussurrando a história cada vez mais baixo pra quem sabe eu dormir. Vai ser difícil me livrar de tudo o que você leu em mim. Mais ainda do que deixar de ser cri-cri com livro da moda e comprar livro pela capa e pelo papel pólen. Livro macio na mão não tem igual. Diagramação boa também. Adoro lembrar de ler no seu colo e a gente passar a mão pelo livro em busca de texturas, prestar atenção nos detalhes, parar pra papear e você dar um jeito de voltar logo pra história sempre meio professora.

Eu sempre quis tanto os brinquedos da internet e os livros dos brinquedos da internet. E eram uma merda mesmo, mas como eu ia saber se não lesse? Hoje passo longe porque já passei perto e sinto o cheiro da estupidez. Você me protegia

da prateleira de bobagens nas livrarias, assim como do corredor-polônês de porcarias na fila do supermercado. Mas logo eu descobri que essas coisas existiam e que devia ter um bom motivo pra tanto mistério da sua parte. Ainda bem que você engoliu seu desgosto e me deixou escolher o que queria.⁷⁰ Ainda bem que você me ouviu, mãe, que me deixou falar e que me fez te ouvir também. Longe de você lembro ainda mais daqueles papos que me faziam desconfiar do bem e do mal e a olhar de outros pontos de vista como quem afasta o *Zoom*⁷¹ e percebe que pode não ser bem assim. Você sempre me devolveu as perguntas fundamentais até eu perceber que as respostas podiam ser muitas e mudavam e não existiam como dois e dois.

Afetos ferozes, não acredito que achei esse livro cheio de grifos, com os cantos dobrados e sua voz lendo durante o jantar. *A vida dela oprime meu coração*.⁷² É... mãe gruda na gente mesmo. *Seu destino é viver um dia após o outro*

⁷⁰ Perry Nodelman. *Somos mesmo todos censores?* Solisluna/Selo Emília, 2020, p. 46.

⁷¹ István Bányai. *Zoom*. Brinque-book, 1995.

⁷² Vivian Gornick. *Afetos ferozes*. *Atualmente*, 2019, p. 198.

sabendo que é insuficiente para curar minha vida daquilo de que ela foi privada.⁷³ Passa o sal. Eu era tão jovem. Não tinha como saber que trair mamãe não era garantia de que eu não abriria mão do sexo.⁷⁴ Minha mãe foi muito machista, com ela mesma. Naquela tarde pensei: uma de nós duas vai acabar morrendo por causa desse afeto.⁷⁵ E não foi fácil sentir as dores dela. Minha mãe não havia entendido que cursar a faculdade significava que eu começaria a pensar: coerentemente e em voz alta.⁷⁶ A ideia de ter uma vida intelectual ardia em nós.⁷⁷ Sempre tive uma.

⁷³ Idem, p. 128.

⁷⁴ Idem. P. 122.

⁷⁵ Idem, p. 112.

⁷⁶ Idem, p. 110.

⁷⁷ Idem, p. 108.

POSFÁCIO

A história das palavras não tem começo nem fim. A palavra *livro*, por exemplo, vem do latim *liber*: a camada fibrosa entre a casca e o tronco da árvore. Antes, o termo indo-europeu *leubh* significava ‘tirar uma camada, descascar’. E na longa história da escrita, essa ação passou a nomear seu resultado: a folha, a camada, a casca já fora da árvore: um objeto que poderia não ter tido nome, mas que ganhou um estatuto social fundamental. Esse lugar, por sua vez, foi novamente transformado em objeto (papiro, pergaminho, papel) e assumiu uma função, um uso: o de ser lugar para a escrita. No papel, a escrita permanece e se transmite.

Mas vamos nos esquecendo dessa lenta e ininterrupta construção histórica, social, política e cotidiana que é a escrita. Vamos nos esquecendo que ela participa da integração dos objetos e suas interpretações ao universo humano. No caso da escrita e do livro, sabemos muitas coisas interessantes. Sabemos que o livro existiu de várias formas: como rolos de pergaminhos, como

códice, caderno de folhas costuradas e até como página eletrônica que se rola para baixo ou se arrasta para o lado (HANSEN, 2019). E essa história ainda não terminou. Sabemos também que a escrita surgiu como uma necessidade de registrar e administrar a vida pública nas grandes cidades antigas, mas que ela dá existência, forma e destino a muitas outras necessidades humanas, como a de informação, descoberta, conhecimento, percepção, significação, evasão, sonho, invenção. A escrita e o livro são uma das moradas da literatura, belamente entendida pelo professor, editor, crítico e escritor espanhol Constantino Bértolo como

o lugar onde se pensam as palavras; as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e o significado da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade. Uma árvore existe. A realidade árvore é algo que o homem constrói. A realidade é a forma humana de relacionar-se com o existente. Quando pensamos ou dizemos uma palavra construímos uma realidade. Quando pensamos ou dizemos uma frase construímos o sentido de uma realidade, ordenamos a existência, a tornamos humana, a tornamos acessível, criamos uma ordem de relação com ela. (BERTOLO, 2014, p. 127).

Pensar as palavras e pensar os objetos que as contêm são tarefas da literatura, dos críticos, dos escritores. E qual a diferença entre escrever textos e fazer livros? – pergunta o crítico mexicano Ulises Carrión. Pensando nas formas de transmissão da literatura, podemos dizer que a escrita em si não muda nada nem ninguém além do próprio escritor. Já as escritas que um livro pode conter, essas sim, participam da transmissão da literatura. Nesse sentido, Carrión traz uma boa provocação:

o que é um livro

um livro é uma sequência de espaços.

cada um desses espaços é percebido em um momento diferente – um livro também é uma sequência de momentos.

um livro não é um mostruário de palavras, nem um saco de palavras, nem um portador de palavras (CARRIÓN, 2011, p. 05).

Um livro é uma sequência de espaços que contém o tempo. O tempo da virada de página, o tempo da leitura, o tempo do reencontro. Aprendi com o grande ilustrador brasileiro Odilon Moraes, que aprendeu com Michel Melot, grande bibliotecário francês, que o livro é

um objeto que nasce da dobra. Em muitos livros ilustrados a dobra participa da narrativa e amplia saberes estéticos, como nos já citados clássicos *Onda*, *Sombra* e *Espelho* da sul-coreana Suzy Lee. Mas mesmo nos livros comuns, só com palavras, em que o objeto em si não tem protagonismo, a própria disposição das letras na página e suas viradas encenam uma relação com o tempo. Só que, diferentemente da fala, que se faz pela sequência sonora e, assim, narrativiza singularmente a cada emissão, o texto inscrito no livro é sempre o mesmo – letras e imagens permitem a permanência e o reencontro. Com o quê?

O livro é um objeto social e político, inventado para conter, de uma forma específica, lampejos da cultura: narrativas, informações, visões inscritas em palavras e imagens que permanecem e ultrapassam, até certo ponto, tempo e espaço – ou que circulam de modos diferente da oralidade e de outras formas de artes. O encontro com os livros é uma forma de elaborar os tempos da vida, suas ausências, suas ficções, suas versões. O livro materializa todas essas abstrações e talvez nenhum outro objeto tão complexo da cultura

esteja assim facilmente ao alcance de nossas mãos, como anunciam Suzy Lee⁷⁸ e Kveta Pacovska⁷⁹.

Os livros são um produto do trabalho humano em todas as suas esferas: a plantação, a colheita, o beneficiamento do papel, o corte, a dobra, a costura; a escrita, o pensamento, a discussão; a arte, a ilustração, a letra, a disposição; o comércio, a troca, o empréstimo; a conversa, a leitura, as descobertas. Os livros circulam e a literatura se transmite, passa de um a outros, no canto e na fala, na leitura e na escrita.

Mas e a escrita, justamente?

Um escultor tem a matéria como maravilhoso começo. Minha cozinheira adora cozinhar porque – lá está a carne! Mas o que é que existe antes da frase escrita? pensamento só é pensamento quando já traz consigo a sua forma, mais ou menos perfeita. Eu preciso fazer uma coisa nova, João Cabral, não a bem da literatura, a bem da vida, era preciso espiar de outro modo, era preciso adivinhar mais, era preciso não sofrer

⁷⁸ “A última página é virada. A história chegou ao fim. O livro é fechado. O mundo também é fechado. E então ele é rapidamente colocado no canto de uma estante. Arte que pode ser posta em uma estante. Arte do tamanho da estante. Bem, isso não é maravilhoso?” Suzy Lee. *A trilogia da margem*. Cosac Naify, 2012, p. 177.

⁷⁹ “Um livro ilustrado é a primeira galeria de arte que uma criança visita.” Kveta Pacovska (não sei a fonte...)

mais – o sofrimento é um *parti pris*.
(LISPECTOR, 2020, p. 412-413).

Assim Clarice Lispector fala da escrita a João Cabral de Melo Neto em 12 de fevereiro de 1949. Qual a matéria da escrita? O pensamento, a vida? De quem? Para quê? Em carta de 21 de setembro de 1956 a Fernando Sabino, Clarice confessa a respeito da escrita do livro *A maçã no escuro*:

Eu queria me pôr completamente fora do livro, e ficar de algum modo isenta dos personagens, não queria misturar “minha vida” com a deles. Isso era difícil. Por mais paradoxal que seja, o meio que achei de me pôr fora foi colocar-me dentro claramente. [...] mas de repente me deu uma rebeldia e uma espécie de atitude de “todo mundo sabe que o rei está nu, porque não dizer?” – que, na situação particular, se traduziu como? “Todo mundo sabe que ‘alguém’ está escrevendo o livro, por que então não admiti-lo?”
(LISPECTOR, 2020, p. 568)

Alguém escreve, alguém inventa, alguém cria e recria, alguém. Princípio da autoria, responsabilização pelo que se diz e se publica. Um desnudamento também. Uma busca. Ofício de palavras. E são exatamente as

palavras que atrapalham, que fazem barreira, trazem questões, são infinitas.

Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra. Faria o que tanta gente que não escreve faz, e exatamente com a mesma alegria e o mesmo tormento de quem escreve, e com as mesmas profundas decepções inconsoláveis: viveria, não usaria palavras. (LISPECTOR, 2018, p. 298)

E as crianças respondem aos enigmas da escrita com esse mesmo simples entusiasmo. Nos anos 1970, com um grupo de crianças imigrantes na Bélgica, os escritores portugueses Maria Gabriela Llansol e Augusto Joaquim criaram uma escola e convidaram as crianças a *ganhar a vida* escrevendo livros de histórias.

Não tinha nada pra fazer.
E se sentia tão feliz.
Pegou o lápis e foi brincar.
- Desenhar, hoje, não,
disse o lápis. Escrever, sim.
Ah! as letras. Ah!o papel.
Ah! a tinta que tinge o papel.
Ah! o azul, Ah! os tt,
Ah! os bb, e as palavras,
Mais que tudo as palavras...
E assim, com seu lápis e
seu pensamento, sua sensibilidade e

sua emotividade, sua memória e
seus esquecimentos, seus dedos e
sua felicidade
ela fez um texto,
uma coisa escrita
que deixava sempre para trás.
(LLANSOL, 2021, p. 08)

Escrever textos e fazer livros são coisas diferentes. Mas uma coisa escrita e um objeto dobrado de virar, todos deveriam experimentar fazer ao menos uma vez na vida, porque eles permitem ordenar e desordenar o mundo apesar do mundo. Com eles se pode, enfim, *deixar para trás* e seguir. Algo se transmite.

OS LIVROS QUE ESTÃO AQUI

De teoria

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BERTOLO, Constantino. O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica. Trad. Carolina Tarrío. São Paulo: Selo Emília, Livros da Matriz, 2014.

CABREJO-PARRA, Evélio; REYES, Yolanda. A leitura na primeira infância. Entrevista com mediação de Patrícia Lacerda. Seminário Conversas ao Pé da Página, Comunidade Emília, 2011. Disponível em: https://issuu.com/doloresprades/docs/cpp_2011_final, consultado em janeiro de 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARRIÓN, Ulisses. A nova arte de fazer livros. Trad. Amir Brito Cadôr. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

COLASANTI, Marina. Como se fizesse um cavalo. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DAHER, Juliana. Leituras e leitores em Espantapájaros. 2017. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

- GOLDIN, Daniel. Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura. Trad. Carmem Cacciaccarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- HANSEN, João Adolfo. O que é um livro? Coleção Bibliofilia. São Paulo: Ateliê Editorial e Sesi-SP, 2019.
- LEE, Suzy. A trilogia da margem – o livro-imagem segundo Suzy Lee. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- LIESENFELD, Leticia; ROGERIO, Cristiane. Que coisa incrível é um livro! – Livro-expandido. Videoteca da Turma 7. Pós-graduação O livro para infância. A Casa Tombada, 2021.
- MONTES, Graciela. Buscar indícios, construir sentidos. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo/Salvador: Selo Emília/Solisluna, 2020.
- MELOT, Michel. A sabedoria do bibliotecário. Trad. Geraldo Gerson de Souza. Coleção Bibliofilia. São Paulo: Ateliê / SESC, 2019.
- NODELMAN, Perry. Somos mesmo todos censores? Trad. Lenice Bueno. Salvador/São Paulo: Solisluna/Selo Emília, 2020.
- PETIT, Michele. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Trad. Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.
- REYES, Yolanda. A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.
- ROBLEDO, Beatriz. Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. Trad. Thaís Albieri. Caderno Emília, nº 03, 2019.
- TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

De literatura

ANDERSEN, Hans Christian. O patinho feio e outras histórias. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANTUNES, Arnaldo. As coisas. São Paulo: Iluminuras, 2001.

AUERBACH, Patricia; MOARES, Odilon. Direitos do pequeno leitor. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

BÁNYAI, István. Zoom. São Paulo: Brinque-book, 1995.

BOISROBERT, Anouck; RIGAUD, Louis. Na floresta do bicho-preguiça. Pop-up. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BOJUNGA, Lygia. A casa da madrinha. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018 [1978].

BOJUNGA, Lygia. Corda bamba. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2020 [1979].

BROWNE, Anthony. Gorila. Trad. Clarice Duque Estrada. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

BROWNE, Anthony. Na floresta. Trad. Clarice Duque Estrada. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

BROWNE, Anthony. O túnel. Trad. Clarice Duque Estrada. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

CAEIRO, Alberto. Poemas inconjuntos. A poesia completa de Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAMARGO, Sebastián. Meu tio chega amanhã. Trad. Dani Gutfreund. São Paulo: Livros da Matriz, 2021.

CHACON, Edith; BALLARIN, Priscila. Na casa deles. São Paulo: Independente, 2020

CHAUD, Benjamin. Uma canção de urso. Trad. Luciana Veit. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

COLLODI, Carlo. As aventuras de Pinóquio. Trad. Marina Colasanti. Ilustr. Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

COUTO, Mia. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

DAVIES, Benji. A ilha do vovô. Trad. Janette Tavano. São Paulo: Salamandra, 2017

DAVIES, Benji. Leo e a baleia. Trad. Marília Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

DÍOS, Olga de. Leotolda. Trad. Monica Stael. São Paulo: Boitatá, 2020.

DÍOS, Olga de. Monstro Rosa. Trad. Thaisa Burani. São Paulo: Boitatá, 2016.

FERNANDES, Carol. Se eu fosse uma casa. Belo Horizonte: Tuya, 2020.

FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary: costumes de província. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin, 2011.

FONTELA, Orides. Poesia reunida (1969-1996). São Paulo/Rio de Janeiro: Cosac Naify; 7 letras, 2006.

GORNICK, Vivian. Afetos ferozes. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Todavia, 2019.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. Contos maravilhosos infantis e domésticos (1812-1815). Trad. Christine Rörig. São Paulo: Editora 34, 2018.

HERRERA, Laura; MACUADA, July, Dorme, menino, dorme. Trad. Cecília Guida. São Paulo: Livros da Matriz, 2015.

JUNQUEIRA, Sonia; FARGAS, Flavio. Amora. Curitiba: Positivo, 2015.

JUNQUEIRA, Sonia; HADDAD, Mariângela. Adivinha onde estou? Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LLANSOL, Maria Gabriela; JOAQUIM, Augusto; crianças da Escola La Maison. A casa do alto. Trad. Marcos Siscar. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.

LEE, Suzy. Espelho. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LEE, Suzy. Onda. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LEE, Suzy. Sombra. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LISPECTOR, Clarice. Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. Todas as cartas. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACCAIN, Murray; ALCORN, John. Livros! Trad. Rodrigo Lacerda e Mauro Gaspar. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

MÁRAI, Sándor. As brasas. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Global, 2012.

MÉLINAND, Lise. O carrinho da Madame Miséria: uma história cruel. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MISENTA, Isol. Ter um patinho é útil. Trad. Emilio Fraia. São Paulo: Sesi-SP, 2018.

MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. O guarda-chuva do vovô. São Paulo: DCL, 2013.

O'BYRNE, Nicola. O que tem atrás da porta? Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-book, 2021.

ÓZ, Amós. De amor e trevas. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRÉVERT, Jacques. Dia de folga. Ilustr. Wim Hofman. Trad. Carlito Azevedo. Cosac Naify, 2004.

PROUST, Marcel. O tempo redescoberto. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Porto Alegre: Globo, 1981.

QUIGNARD, Pascal. O nome na ponta da língua. Trad. Ruth Silviano Brandão e Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020.

RAMPAZO, Alexandre. Este é o lobo. São Paulo: Pequena Zahar, 2020.

RAMPAZO, Alexandre. Se eu abrir essa porta agora. São Paulo: Sesi-SP, 2018.

RODARI, Gianni. Fábulas ao telefone. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Ed. 34, 2018.

SILVERSTEIN, Shel. A árvore generosa. Trad. Fernando Sabino. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.